

A Septuagésima Semana de Daniel Reconsiderada?

Joel Richardson

O escritor cristão mais antigo que abordou diretamente a profecia das 70 semanas de Daniel foi Irineu em sua obra *Contra as Heresias* (180 d.C.). Em 5.25.2 Irineu cita Mateus 24:15 e afirma que isto será cumprido literalmente com o Anticristo entrando no Templo judaico com a finalidade de se apresentar como Cristo. No Livro 5.25.4 Irineu examina o Anticristo e o vincula a Daniel 9:27 afirmando:

"E então ele [Daniel] aponta o tempo em que a tirania [do Anticristo] durará, tempo em que os santos serão postos em fuga, aqueles que oferecem um sacrifício puro à Deus: 'E no meio da semana', diz ele, 'o sacrifício e a libação [serão] tirados, e a abominação da desolação [será trazida] para o Templo: até a consumação dos tempos a desolação será completa.' Agora, três anos e seis meses constituem a metade da semana."

Aproximadamente 20 anos depois, Hipólito, um estudante de Irineu, escreveu sobre as 70 semanas de Daniel e defendeu que a última semana completa se daria no final da era imediatamente antes da volta de Jesus.

Mais ou menos na mesma época, Clemente de Alexandria, o chefe da escola em Alexandria que buscou misturar a filosofia grega com a Bíblia, argumentou contra a visão de Irineu, Hipólito e outros pré-milenistas. Em relação às 70 semanas de Daniel, Clemente sugeriu que devem ser interpretadas como não-literais. E também, que as 70 semanas foram cumpridas totalmente em 70 d.C..

Mais tarde, Orígenes, um intérprete infame por sua excessiva imaginação alegórica na interpretações das Escrituras, foi o sucessor de Clemente como chefe da escola em Alexandria. Orígenes baseou-se na fundação não-literal de Clemente, argumentando pelo pleno cumprimento das 70 semanas historicamente em Cristo.

Assim começou uma longa história de conflito dentro da Igreja acerca dessa profecia essencial do Velho Testamento. Seguindo as categorias gerais estabelecidas por estes quatro escritores, aqueles que abraçariam uma visão espiritualizada do Reino Milenar de Deus e, na maioria das vezes uma visão espiritualizada do povo de Israel (teologia da substituição), seguiram Clemente e Orígenes. Por outro lado, aqueles que mantinham uma compreensão literal do Milênio, seguiram os pontos de vista de Irineu e Hipólito. Enquanto muitas sub categorias sob estes dois títulos gerais se

desenvolveram ao longo dos séculos, na sua maior parte, estas duas posições vieram a definir o debate.

No entanto, nos últimos anos, uma nova visão híbrida expressa por vários estudantes de profecia, parece estar se desenvolvendo. Esta visão, enquanto pré-milenialista em sua orientação, abrange uma seleção um tanto mesclada de argumentos tradicionalmente empregados por amilenistas, pós-milenistas e preteristas. Pelo que tenho observado, esta visão expressa regularmente as seguintes distinções:

- (1) As 70 semanas de Daniel 9:24-27 são divididas em dois segmentos: 486.5 anos e, em seguida, no final da era, pouco antes da volta de Jesus, um período final de 3.5 anos.
- (2) Os primeiros 3.5 anos referem-se ao ministério terreno de Jesus, com os últimos 3.5 referindo-se à "Grande Tribulação".
- (3) Não haverá "tratado de paz", "pacto de segurança", "aliança" ou qualquer outro acordo feito com ou pelo Anticristo que marcará os últimos sete anos que antecedem o retorno de Jesus.
- (4) A referência ao Anticristo entrando, abominando, profanando ou pisando o Templo mencionado em Daniel 8: 11-14, 9:27, 11:31, 12:11, 2 Tessalonicenses 2: 4 e Apocalipse 11 não é literal, mas deve ser entendido de forma espiritual.
- (5) O início do período final de 3.5 anos ou Tribulação virá de repente, sem sinais significativos que o precedem.
- (6) Aquele que faz a oferta cessar em Daniel 9:27 é Jesus e não o Anticristo. Assim, porque Jesus fez cessar o sacrifício, não haverá um futuro Templo para continuar com sacrifícios literais.

Se minha compreensão é correta, então eu creio que aqueles que defendem esta visão são geralmente motivados pelo seguinte:

- (1) Uma rejeição do que é tradicionalmente considerado (embora erradamente) uma doutrina dispensacionalista.

- (2) A preocupação de que, se não houver o sinal esperado de alguma forma de "tratado de paz", então muitos cristãos serão enganados e receberão o Anticristo, ou na melhor das hipóteses estarão despreparados.

- (3) O desejo de interpretar a profecia de Daniel de uma forma que exalta a expiação e a centralidade da obra completa da cruz de Cristo na narrativa bíblica.

Dito isto, eu quero muito sobriamente qualificar o que estou prestes a sugerir, dizendo que, em relação ao fim dos tempos, porque as Escrituras falam de engano como uma das características principais daqueles dias e porque, por definição o orgulho é cego, todos precisamos permanecer humildes, compreendendo os pontos de vista de outros irmãos e irmãs, enquanto permanecemos alertas e conscientes de que ninguém está imune a entender ou interpretar de forma errada uma passagem, mesmo quando estamos convictos de que estamos certos. Como alguém que aceitou o chamado para ser um professor, me coloco como primeiro desta lista. Como professor, aceitei o fato de que serei julgado mais duramente do que outros, quando o que eu preciso mais do que qualquer coisa é um julgamento muito mais misericordioso.

Dito isto, creio que as Escrituras ensinam a visão tradicional das 70 semanas de Daniel, com toda a semana final ainda por vir. Acredito que este é um dos mais importantes e enfatizados conceitos ensinados nas Escrituras referentes aos últimos dias. Por esta razão, submeto o seguinte a todos vocês como bereanos para fielmente considerarem em oração. A seguir estão alguns dos pontos que vejo como fraquezas significativas dessa recente visão. Tenho certeza de que existem outros pontos que poderiam ser acrescentados em outro momento, mas por hora, creio que os seguintes pontos resumem os problemas mais significativos ou fraquezas dessa visão.

(1) Este ponto de vista sustenta que as referências para o Templo mencionadas em 2 Tessalonicenses 2:4, Ap. 11 e quatro vezes em Daniel (8: 11-14, 9:27, 11:31 12:11) sejam todas tomadas como espiritual e não literal. Esta posição usa esse argumento, apesar do fato de que não há nas passagens base real nenhuma para compreendê-las em um sentido não-literal. Aqueles que defendem esta visão olham para vários exemplos no NT, onde o Templo é usado com um sentido metafórico como base para reinterpretar retroativamente passagens no AT que falam do Templo literal em um sentido espiritual. O argumento é que, porque o Templo é usado em

um sentido espiritual em algumas passagens, podemos agora reinterpretar passagens cujo significado era literal e vê-las como espiritual. Mas esta é precisamente a hermenêutica da teologia da substituição. Aqueles que defendem a teologia da substituição olham para os poucos exemplos no NT onde Israel ou os judeus são mencionados em um sentido espiritual e usam isto como base para voltar aos versos do AT que se referem a uma bênção futura literal para Israel e os judeus, e reinterpretar essas passagens espiritualmente para se referir à Igreja. Esta forma de interpretação, na minha opinião, não é apenas errada, é extremamente perigoso espiritualmente. Posso acrescentar também que isso encontra suas origens na escola sincretista de Alexandria que deliberadamente procurou fundir a cosmologia bíblica com a filosofia e cosmologia grega pagã. Se as várias referências em Daniel, 2 Tessalonicenses 2: 4, e Apocalipse 11 ao Templo são no entanto literais, então também é lógico que o Templo deve ser construído antes do Anticristo poder profaná-lo, dando-nos assim um aviso claro. Mas, porque um dos propósitos principais deste ponto de vista é argumentar que os eventos do fim dos tempos acontecerão de repente, sem sinais claramente precedentes, procura-se argumentar que o Templo deve ser compreendido de forma não literal. É lógico também que se existe um futuro Templo literal em Israel, também provavelmente haverá alguma forma de acordo com as nações muçulmanas para permitir isto, portanto algum tipo de "aliança" como vemos em Daniel 9:27.

(2) Esta visão requer que o ministério de Jesus tenha durado exatamente 3.5 anos, a fim de cumprir os primeiros 3.5 anos da última das 70 semanas. O problema no entanto é que hoje, pouquíssimos estudiosos acreditam que o ministério de Jesus durou mais de três anos. Alguém pode navegar na web e encontrar todos os tipos de personagens oferecendo suas opiniões, mas entre aqueles estudiosos familiarizados com os dados relevantes, encontrar-se-á um apoio escasso à ideia de que o ministério de Jesus durou 3.5 anos. Em resumo, Jesus foi crucificado na Páscoa, e há apenas três destas festas mencionadas no Evangelho de João. Isto limita o ministério de Jesus a aproximadamente dois anos, certamente menos de três anos. Contudo, se o ministério de Jesus não foi exatamente 3.5 anos, então a ideia de que a primeira metade da semana de Daniel se correlaciona ao ministério de Jesus não tem fundamento algum. Consequentemente, não nos surpreende saber que a própria noção de que o ministério de Jesus foi de 3.5 anos foi estabelecida por Orígenes (que mais tarde foi declarado um herege) e Eusébio (um apologista romano com uma teologia supercessionista antissemita muito forte) que especificamente desenvolveu esta visão, a fim de justificar seu entendimento pagão, antissemita e supercessionista de Daniel 9:27. Creio que faríamos bem em observar este fato.

(3) Essa visão requer que interpretemos "a aliança" de Daniel 9:27 acontecendo "durante" a semana em vez de "por" uma semana. Se a "aliança" for "por uma semana" então não pode ser aplicada a Jesus, uma vez que a aliança que Jesus fez é eterna e não apenas uma aliança de sete anos. O problema com isso é claro, já que não existe uma única versão bíblica que traduz como "durante" a semana. Em vez disso, praticamente todas as traduções consistentemente traduzem como "por" uma semana. Este ponto de vista deve se apoiar no fato de que as versões ARC, ARA, Almeida Século 21 e muitas outras, além das versões em inglês KJV, NKJV, NASB, ESV, RSV, ASV, NIV, NLT, DBY, WEB, HNV, todas erraram.

(4) Esta visão divide a semana final em duas e insere uma janela de 2000 anos no meio da semana. Não é preciso dizer que esta seria uma maneira muito incomum de organizar a profecia, particularmente sem afirmar que este era o significado. Devemos notar que a divisão das 70 semanas dentro da profecia é de 7 semanas + 62 semanas + 1 semana. Observe que ela não é dividida em 7 semanas + 62,5 semanas + 3.5 anos.

(5) Esta visão requer que a 69ª semana seja concluída no batismo de Jesus, deixando 3.5 anos para o Seu ministério. Contudo, dos quatro "decretos" que os estudiosos consideram candidatos para cumprir o decreto de Daniel, pelo que eu saiba, nenhum deles se alinha com 483 anos do batismo de Jesus. É por essa razão que todos os amilenialistas e preteristas que também defendem essa visão (de que a 69ª semana termina com o batismo de Jesus) usam uma linguagem não-literal e uma contagem falha dos anos mencionados. Em outras palavras, porque não conseguem fazer os números baterem, apenas dizem que os números não são literais e fazem uma camuflagem para que possam bater. Essa visão simplesmente não funciona com a cronologia. No entanto, toda a passagem é sobre cronologia!

(6) Esta visão deve rejeitar qualquer referência às alianças histórico-proféticas de segurança referidas em Isaías 10 ou 28 como tendo qualquer aplicação escatológica-profética.

(7) Este ponto de vista deve negar que a "inundação" de que fala tanto Isaías 28 como Daniel 9 referem-se aos mesmos eventos proféticos. Essa visão deve negar qualquer conexão entre essas duas inundações, pois isso também validaria uma conexão entre as duas alianças mencionadas em ambas as passagens, o que evidentemente mostra que as duas passagens estão profeticamente referindo-se ao mesmo evento escatológico.

(8) Esta visão deve ver o Anticristo como responsável pela abominação assoladora e a cessação das ofertas em 3 passagens, Daniel (8:11-14, 11:31, 12:11), e Cristo numa quarta passagem (9:27). Essa visão não reconhece a clara conexão entre essas quatro passagens. Ela interpreta Daniel 9:27 de forma inconsistente das outras referências à abominação que causa desolações e o fim do sacrifício.

Considere o seguinte gráfico:

Verso	Abominação ou Horror	Fim do sacrifício	Parte Responsável
Daniel 8:9-14	"Transgressão assoladora"	"Remoção do holocausto contínuo"	Antióco/Anticristo
Daniel 9:27	"A asa das abominações"	"Cessar o sacrifício e a oferta"	Anticristo
Daniel 11:31	"A abominação assoladora"	"Tirarão o holocausto contínuo"	Antióco/Anticristo
Daniel 12:11	"A abominação assoladora"	"O holocausto contínuo for tirado"	Anticristo

Verso	Abominação ou Horror	Fim do sacrifício	Parte Responsável
Daniel 8:9-14	"Transgressão assoladora"	"Remoção do holocausto contínuo"	Antióco/Anticristo
Daniel 9:27	"A asa das abominações"	"Cessar o sacrifício e a oferta"	Cristo
Daniel 11:31	"A abominação assoladora"	"Tirarão o holocausto contínuo"	Antióco/Anticristo
Daniel 12:11	"A abominação assoladora"	"O holocausto contínuo for tirado"	Anticristo

(9) Este ponto de vista deve rejeitar o significado normal das palavras de Jesus em Mateus 24:8 como uma referência a "dores de parto". Se Jesus

usou a linguagem do "princípio das dores de parto" (um tema bem conhecido de Isaías 26:17-19 referindo-se às dores que precedem a ressurreição) para se referir aos sinais que vêm antes da abominação assoladora, então Ele está claramente dividindo os sinais que precedem a sua vinda em dois períodos diferentes (o início das dores de parto e as dores de parto reais) divididos pela abominação que causa a desolação. Porque esta visão rejeita a noção de que existe um período distinto ou marcado antes da abominação assoladora, eles argumentam que Jesus não estava usando a linguagem das dores de parto aqui. No entanto, qualquer léxico deixaria bem claro que este é o significado das palavras que Jesus usou.

(10) Este ponto de vista deve interpretar as "duas testemunhas" de Apocalipse 12 de uma forma espiritualizada e não literal. Um exame cuidadoso do ministério das duas testemunhas mostra que eles não "profetizam" em Jerusalém somente durante os últimos 3.5 anos, mas são de fato mortos algum tempo antes do final dos últimos 3.5 anos. Mas porque seu ministério é de 3.5 anos, isto significaria que seus ministérios começariam algum tempo antes da abominação da desolações. Como tal, este seria mais um sinal identificável que precederia a abominação que causa a desolação. A visão mais recente rejeita a ideia de que haverá quaisquer sinais identificáveis antes desse ponto e, assim, as duas testemunhas devem ser compreendidas em um sentido espiritual mais vago, muitas vezes referindo-se a crentes messiânicos e gentios. Conseqüentemente, o fato de que eles profetizam em "Jerusalém" especificamente também é espiritualizado para significar algo muito mais amplo do que apenas Jerusalém literal.

(11) Este ponto de vista deve interpretar a passagem de uma forma que viola as regras gerais da gramática. O sujeito de um pronome normalmente segue seu antecedente imediato. Isto é verdadeiro em português e em grego. Mas considere a maneira completamente inconsistente em que esta visão atravessa os sujeitos e pronomes contra a interpretação tradicional pré-milenialista:

"Depois das sessenta e duas semanas, será morto o **Ungido (Cristo)** e já não estará; e o povo **de um príncipe que há de vir (Anticristo)** destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. **Ele (Cristo)** fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, **(Cristo)** fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador **(Anticristo)**, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele **(Anticristo)**."

Mais uma vez, eis como esta nova visão interpreta os vários sujeitos e pronomes:

1. O Ungido (Cristo)
2. Um príncipe que há de vir (Anticristo)
3. Ele (Cristo)
4. Pronome oculto ele (Cristo)
5. O assolador (Anticristo)
6. Ele (Anticristo)

Agora, como a visão pré-milenialista tradicional interpreta os sujeitos e pronomes:

“Depois das sessenta e duas semanas, será morto o **Ungido (Cristo)** e já não estará; e o povo **de um príncipe que há de vir (Anticristo)** destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. **Ele (Anticristo)** fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, **(Anticristo)** fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador **(Anticristo)**, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele **(Anticristo)**.”

E simplificado:

1. O Ungido (Cristo)
2. Um príncipe que há de vir (Anticristo)
3. Ele (Anticristo)
4. Pronome oculto ele (Anticristo)
5. O assolador (Anticristo)
6. Ele (Anticristo)

Não é necessário dizer que a visão pré-milenista tradicional é consistente e segue as regras gramaticais, enquanto esta nova visão não é consistente e nem segue as regras gramaticais próprias. Esta nova visão deve perceber que há uma anomalia para poder sustentar suas reivindicações.

Vou parar por aqui. Espero que esta lista e os seus pensamentos tenham sido úteis e edificantes, uma vez que todos nós, juntos, buscamos ser fiéis estudantes da Sua Palavra.

Muitas bênçãos,
Joel